

MATERNA/ESTRANGEIRA: O QUE FREUD FEZ DA LÍNGUA

**MARIA RITA SALZANO MORAES
UNICAMP**

ABSTRACT

This work is a reflection about the possibility of considering the relation between Mother Tongue and Foreign Language from the point of view of the constitution of the subject Language. We take as a support for this reflection the unconscious Freudian hypothesis which presents a different concept of memory: according to Freud, the inscription of language in memory is a process of reading/writing of mnemonic traces, whose simultaneous registrations in several systems do not allow for their immediate recovery. The possibility of recovering mnemonic traces depends necessarily on verbal expression and reading. Accordingly, if memory is to a great extent unconscious, another way of discussing the status of Mother Tongue unfolds: Mother Tongue does not represent an assuredness to the subject, since he/she cannot say everything there. The idea of Mother Tongue as a place of certainty for the subject is then questioned. As a consequence of this hypothesis, it is added to the discussion the strangeness within the language as an organizing element which permits, in Mother Tongue/Foreign Language relationship, the displacement of the concept of otherness. The Foreign Language loses its status of strangeness - because it is different, and starts to be questioned from the point of view of a constitutive strangeness of the Mother Tongue itself. It must be stressed that Freud conceives memory and language only and above all as writing systems. It is not irrelevant to this work, once it is this conception of language as a reading/writing system which gives us elements to question the condition of the Mother Tongue familiarity and the Foreign Language foreignism.

INTRODUÇÃO

Com este trabalho, pretendemos tecer uma reflexão sobre a relação entre Língua Materna e Língua Estrangeira, a partir da hipótese freudiana do inconsciente. Essa hipótese contempla, de início, a inclusão do sujeito falante como efeito de linguagem, e torna possível deslocar a diferença da relação acima referida. A partir da anterioridade lógica da inscrição da linguagem no sujeito, cada um se encontra na Língua Estrangeira de maneira única, a sua, não havendo aí uma simples relação de exterioridade, mas a intermediação do fato anterior de que a linguagem é condição de possibilidade do sujeito.

A intenção de deslocar o conceito de Língua Materna de uma posição de língua que se aprende com a mãe, ou de língua nacional, para a de causa de sujeito, nos possibilita, de uma certa forma, outra visão (não psicológica) da importância (psíquica) que a relação Língua Materna - Língua Estrangeira pode vir a assumir para um sujeito. A questão central deste trabalho é a de que entre as línguas, tomadas como capacidades simbólicas, não há outra diferença, a não ser a partir da posição do sujeito na Língua Materna. A alteridade comumente atribuída à Língua Estrangeira é uma alteridade radical, ou seja, está presente já na Língua Materna, o que nos permite supor que aquilo

que pode apresentar a Língua Estrangeira como diferente ou semelhante não se esgota em uma descrição, uma vez que inclui o sujeito que, a partir de sua posição na Língua Materna, fará a diferença entre as línguas.

É necessário, portanto, para compreendermos o estatuto da diferença ou da semelhança entre línguas, que as abordemos a partir daquilo que na Língua Materna se apresenta como Estranho e como Familiar, isto é, daquilo que é Familiar no Estranho ou Estranho no Familiar, e que os tomemos tão somente do ponto de vista de sua relação no sujeito.

Não tomamos, neste trabalho, Língua Materna e Língua Estrangeira como entidades distantes e estranhas uma à outra, pois, se considerarmos, com Freud, o psíquico como lugar da linguagem, ou a linguagem como lugar psíquico que inclui o outro enquanto falante, há que se tratar essa dualidade - Língua Materna/Língua Estrangeira - perpassada pelo sujeito, de forma a tomar os elementos que a constituem, como só existindo na e pela relação estabelecida a partir do sujeito, e não como entidades que preexistem a ele.

A CONCEPÇÃO FREUDIANA DA LINGUAGEM - REPRESENTAÇÃO E ASSOCIAÇÃO

No início de sua construção teórica, Freud concebe o Aparelho Psíquico como um Aparelho de Linguagem e, em seguida, como um Aparelho de Memória. O Aparelho de Linguagem¹ (Sprachapparat) não é um Aparelho *para* linguagem, mas um aparelho construído com linguagem, o que inclui, de imediato, o outro enquanto falante, nessa constituição. Assim, esse aparelho não está colocado como um instrumento pré-existente à linguagem, mas em uma relação dinâmica com a linguagem, ou seja, a linguagem não é só efeito desse seu funcionamento, mas é também aquilo que o funda. Dessa forma, o outro e o mundo vão se constituir objetos, a partir do que a linguagem constrói.

Para entendermos quais elementos nos permitem deslocar o conceito de Língua Materna da naturalidade e da familiaridade com que o encontramos ao iniciarmos este trabalho, é necessário que observemos rapidamente como Freud tratou, de início, os conceitos de localização, de representação e de associação apresentados pela Medicina, pela Psicologia e pela Filosofia, para propor sua hipótese fundamental do inconsciente.

A tendência da medicina, em época anterior a Wernicke, era a de localizar faculdades psíquicas (“vontade”, “inteligência”) como um todo em determinadas regiões do encéfalo. Quando Wernicke propõe, segundo Freud, que se podem localizar somente os elementos psíquicos mais simples, as representações sensoriais na terminação do nervo periférico que recebe a impressão, este foi um grande passo nas pesquisas sobre as afasias. Mas para Freud, este fato constituiu o mesmo “erro de princípio”² que o anterior a Wernicke, pois de toda maneira, considerava-se que quando

¹ Sigmund Freud, 1891, *A Interpretação das Afasias*, tradução de António Pinto Ribeiro, Lisboa: Edições 70, 1977, p. 62.

² *idem*, p. 55.

uma excitação qualquer passava pelas fibras nervosas, estas permaneciam inalteradas, sendo sua função apenas conduzir a excitação entre a periferia e o córtex cerebral.

Freud coloca em questão a relação não dinâmica entre funções e localizações e destaca o trajeto da excitação sensorial não considerado até então. Na visão anterior não se consideravam os efeitos do trajeto da excitação, apenas uma ligação entre seu ponto inicial de excitação e seu ponto final. Pensava-se que a relação entre processos fisiológicos e psíquicos era causal. O que era dito, em outras palavras, é que a representação estava localizada na célula nervosa, isto é, que uma excitação produzia uma representação no cérebro. O que se depreende na base dessa concepção é a noção de substancialidade psíquica, efeito do fato de se tratar os fenômenos psíquicos da mesma maneira que os físicos. O caráter não dinâmico dessa postura tem como consequência a redução da associação a apenas uma lei: à de uma correspondência entre o pensamento e o objeto.

Para Freud, essa relação é concomitante e deve ser tratada como um processo e não como uma causalidade³. Com isso não se podem mais distinguir duas partes nesse processo, a da sensação e a da associação, pois são dois nomes para designar duas perspectivas do mesmo processo. Representação, portanto, não existe sem a associação, ou seja, a representação já é um processo associativo. A partir daí já podemos compreender o Aparelho de Linguagem proposto por Freud: um campo complexo de associações, no qual a região da linguagem define-se como uma área associativa contínua na qual entram elementos óticos, acústicos e motores⁴.

Uma vez que a representação é um processo associativo, Freud a supõe não só constituída pela intervenção simultânea de componentes acústicos, visuais e motores, como também operando em funções relativas a mais de um ponto no território da linguagem. Portanto, a representação deve ser entendida como a diferença entre duas séries de associações: de representação-palavra e de associações-objeto. A palavra corresponde a uma associação de imagens mnêmicas e seu significado sobrevém da articulação da imagem acústica com as associações-objeto. É importante destacar que as associações-objeto não constituem o objeto ou a coisa externa enquanto unidade, tendo em vista que, na concepção de Freud, seu significado não provém do objeto, mas das diferenças nas associações entre as várias representações. Com essa diferença fundamental na concepção da representação-associação, Freud está recusando a superposição da ordem das coisas à ordem das palavras, ou seja, recusando à representação a função do conhecimento, e, portanto, problematizando a questão do sentido.

Como consequência dessa concepção de campo de linguagem enquanto processo, Freud propõe o destino da aquisição de conhecimentos posteriores à língua materna:

“A função da linguagem apresenta excelentes exemplos de novas aquisições. É o caso de aprender a ler e a escrever relacionados com a atividade primária da linguagem...Todas as outras nova aquisições da função da linguagem - se aprendo a falar e a compreender diversas línguas estrangeiras, se, além do alfabeto aprendido em primeiro lugar, aprendo também o grego e o hebraico, se, ao lado de minha grafia, uso também a estenografia e outras escritas - todas essas atividades (aliás, as imagens mnêmicas que é preciso empregar para isso podem

³ idem p. 57.

⁴ idem, pp. 62-3.

ultrapassar em muito o número das da língua de origem) estão evidentemente localizadas nas mesmas áreas que conhecemos como as da primeira língua aprendida”⁵.

Nessa articulação de Freud, é possível entendermos que algo da ordem de um caminho se abre na estruturação das funções primárias da linguagem, algo que é já uma inscrição, uma memória, por onde necessariamente passarão posteriormente todos os outros elementos. Freud está aqui nos dizendo que toda produção simbólica tem o mesmo funcionamento, e que, portanto, a Língua Materna prepara, à sua maneira, o leito para as outras línguas. É sobre a escrita da Língua Materna no sujeito que as outras línguas se arranjam. Este ponto, por si só, começa a interrogar a naturalidade com que atribuímos tanto uma alteridade à Língua Estrangeira, quanto uma familiaridade à Língua Materna.

O ponto fundamental para questionarmos a familiaridade da Língua Materna nos trouxe Freud, quando, neste mesmo estudo sobre as afasias nos aponta a questão da funcionalidade. A função do aparelho de linguagem é associar e fazer transposições. Ao criticar as concepções das afasias da época, Freud percebe que esse aparelho de linguagem não precisa adoecer para não funcionar bem, ou melhor, seu funcionamento peculiar não necessita da referência a uma lesão. Para explicar casos como a substituição de *lápiz* por *pena*, *Butter* (manteiga) por *Mutter* (mãe), etc., não é necessário recorrer à hipótese de uma lesão cerebral. São acontecimentos funcionais, para os quais Freud reserva uma explicação dinâmica, na qual estão em jogo restos de linguagem ou resíduos mnêmicos associados intensamente que se impõem ao aparelho, sob a ação de afetos, levando ao fortalecimento ou ao enfraquecimento da função de associar e cujos efeitos de funcionamento consistem no ultrapassamento dos limites do aparelho de linguagem. Para compreender esses acontecimentos, não é preciso pressupor, como o faziam anteriormente, a desintegração do aparelho, eles revelam modos de atividade desse aparelho que foram liberados da restrição de uma função. Tal como Freud o concebe, exatamente por ser esse aparelho estruturado por linguagem, é que não podemos prever seu funcionamento. A não articulação entre a função de associar e a maneira dinâmica de associar desse aparelho abre a possibilidade de o funcionamento desse aparelho ultrapassar sua função. Aqui Freud nos convida a repensar a questão do Erro, do Lapso, do Ato Falho em Língua Materna e estender essa reflexão para a Língua Estrangeira.

MEMÓRIA E INCONSCIENTE

A maneira como as associações se encadeiam na fala permite supor, de acordo com Freud, uma organização dinâmica da memória. A novidade fundamental que Freud nos traz é que grande parte da formação da imagem mnêmica nas associações de representações é separada da consciência, pois a memória é gravada de maneiras diversas, em vários registros, sendo que os primeiros são inacessíveis à consciência. Essa organização supõe que a representação/traço mnêmico de um mesmo acontecimento pode ser encontrada/o em diversos conjuntos de sistemas mnêmicos, ou

⁵ idem, p. 60 (grifo de Freud).

seja, que a impressão desse acontecimento abriu caminhos associativos os mais variados (o acústico, o motor, o visual, entre outros), fato que proporciona à memória a qualidade de uma não recuperação imediata e de uma certa autonomia com relação aos fenômenos da consciência⁶.

No texto acima citado, Freud propõe que o Aparelho Psíquico é um Aparelho de Memória complexo, constituído pelas permanentes e sucessivas reescrituras das inscrições, de tal modo que o traço mnêmico, longe de constituir a memória por permanecer idêntico a si mesmo, sofre reordenações e, a memória não nos é apresentada como uma propriedade do aparelho, mas como uma construção escrita associações de linguagem. A memória, segundo Freud, possui três sistemas de escrita: o primeiro seria o dos sinais de percepção e sua organização se funda a partir de associações por simultaneidade. Esse primeiro sistema de escrita não mantém com a consciência nenhuma relação. O segundo sistema é o da inconsciência, cujos traços são organizados por associações causais. O terceiro sistema é o da pré-consciência, ligado às representações verbais.

É importante, então, retomarmos a proposição de que, dos três sistemas de escrita do material psíquico, o único que se liga à consciência é o terceiro, no qual se articulam as representações-palavra e as associações-objeto na emissão dos vocábulos. As inscrições anteriores à consciência asseguram, para Freud, a estratificação da memória, deixando-a permanecer imanente ao mecanismo de reter, e ainda assim, permanecer capaz de receber, além de fazerem intervir, de início, a impossibilidade de qualquer apreensão consciente imediata do sujeito por si mesmo.

Acontecimentos, portanto, que, na passagem de um sistema para outro, não são reescritos, vão permanecer em outro lugar, e como o que vale para um sistema não vale para outro, emitirão sinais distorcidos de sua existência, por exemplo, no esquecimento, no lapso, etc., revelando um modo de funcionamento desse aparelho.

A importância da concepção diferenciada da memória para este trabalho está no modo como os efeitos de sua constituição se impõem na fala e nos atos manifestos do sujeito. O aparelho psíquico funciona segundo um princípio que define a alienação, ou a divisão fundamental do sujeito: memória e consciência se excluem, pois a memória é fundamentalmente inconsciente. Se Freud observa manifestações de perturbações na memória e na fala de seus pacientes, não deduz daí falhas na constituição do aparelho, mas evidências da existência de leis primárias de funcionamento.

Ainda uma consideração para o desenvolvimento deste trabalho está no fato de Freud caracterizar a memória tomando a impressão (Eindruck) do mundo exterior efetivamente como uma inscrição (Niederschrift) e reescritura (Umschrift) do signo (Zeichen), que se modifica em traço (Spur), fatos estes da ordem da escrita (Schrift). Esse material literal, primariamente inconsciente, e, por si mesmo, desprovido de significação, pode se apresentar como alteridade radical em relação a quem fala, pois está submetido a leis descontínuas de associação.

⁶ Jeffrey Moussaieff Masson, *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887 - 1904*, tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 208.

MATERNA, LÍNGUA ESTRANGEIRA

Na experiência de Freud com as histéricas, a fala mantém um papel peculiar de produtora e, ao mesmo tempo, de liberadora de sintomas. Pesquisando durante anos as diferentes formas de histeria, Freud observa que não era possível interrogar o paciente para descobrir o ponto de origem do fenômeno, uma vez que o paciente não era capaz de recordá-lo e, muitas vezes, não suspeitava da conexão entre o evento desencadeador e o fenômeno patológico. Acontecimentos traumatizantes, contra os quais não houve nenhum tipo de reação afetiva, preservavam sua tonalidade afetiva do início. Quando essa reação ocorria em grau suficiente pelas palavras, grande parte do afeto do início desaparecia⁷. Freud percebe então, com surpresa, que cada sintoma desaparecia quando o paciente havia descrito o acontecido com detalhes, e quando o elemento afetivo era traduzido em palavras, ou seja, quando o paciente trocava o sintoma pela sua expressão verbal.

Freud percebe nessa palavra que excede o campo da realidade e da exatidão o efeito de uma divisão no sujeito que fala, dado que um mesmo fato de pensamento vai permanecer idêntico a si mesmo, quer o sujeito o reconheça ou não como consciente. O sujeito não sabe que sabe (o não-saber do paciente histérico seria, de fato, um não querer saber) e a observação do aparentemente sem sentido na fala dos pacientes (pensamentos que o paciente jamais reconhece como seus) possibilita a Freud encontrar um sentido na linguagem do sintoma.

Se a fala não estivesse entre sistemas de linguagem, como poderia ela gerar e desatar sintomas, revelando assim, a divisão e o conseqüente desconhecimento de algo intimamente familiar ao próprio sujeito? Freud percebe que o inconsciente só se dá a ver através de suas formações (sintomas, sonhos, atos falhos, esquecimentos e chistes) que possuem a mesma estrutura de linguagem. Essas formações não revelam nada além do fato, irreduzível, de que o sujeito é falado pela língua. Freud percebeu o eixo comum entre essas formações: como são feitas de linguagem e ultrapassam o sujeito na fala, são, portanto, decifráveis. Não no sentido de haver para elas um decodificador universal, mas devido ao fato de que, se, para cada falante o desejo se inscreve de maneira única, somente sua própria fala poderá gerar os elementos para a decifração.

Freud aborda a língua de maneira desconcertante, pois coloca em causa qualquer noção de língua enquanto saber, sinônimo de familiaridade, pois nessa língua, dizer mais do que se sabe, não saber o que se diz, dizer outra coisa do que o que se diz, falar para nada dizer, não são mais as falhas da língua, são propriedades inelimináveis e positivas do ato de falar. Nessa língua, a fala do sujeito testemunha a presença de um saber que age a despeito de seu querer consciente, à determinação de um dizer no qual se desconhece, divisão que, longe de ser uma ignorância, é sua própria atividade.

Melman⁸ afirma que a língua materna é aquela na qual, para aquele que fala, a mãe foi interdita e, dessa forma, apresenta-a com um traço negativo, pois tomá-la positiva e apressadamente como veiculada pela lembrança daquela que nos introduziu na fala, seria uma resposta já ao alcance da mão, por estar incluída no próprio significante

⁷ Sigmund Freud, 1893-5, *Estudos sobre Histeria*, ESB, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 39-44.

⁸ Charles Melman, *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*, Contardo Calligaris (org.), tradução de Rosane Pereira, São Paulo: Editora Escuta, 1992, pp. 15-32.

“materna”. Ela só é materna a partir do objeto que ela interdita, isto é, por nela faltar justamente o que é “materno” e, por isso mesmo, o sujeito poder ser “falado por ela”. Nessa língua, o sujeito não fala como mestre, portanto não pode dizer tudo. A objetividade impossível dessa língua coloca o sujeito em uma posição de desconhecimento de si próprio.

Língua Materna, a partir da hipótese freudiana do inconsciente, revela-se um ponto nodal em que língua e desejo se articulam, o que nos permite avançar para além de seu significado de língua que se aprende com a mãe, para a de condição de estruturação psíquica, configuração de subjetividade.

As considerações que fizemos sobre a assim chamada Língua Materna, tendo como base a hipótese do inconsciente, nos autorizam a pensar que a exterioridade radical do desejo em relação à consciência pode fazer supor que essa língua, na qual o sujeito é, afinal, estrangeiro, possa se exprimir melhor em uma Língua Estrangeira, em que uma suposta ausência de interdição da mãe possibilita imaginá-la como um saber alcançável.

Se o sujeito, no mal-estar em que a Língua Materna o coloca, vai para a Língua Estrangeira com a (ilusão da) certeza de lá poder dizer tudo, e como diz Prasse⁹, com um “desejo de ter escolha, de poder escolher a lei...desejo de ser livre para escolher uma ordem na qual ‘se exprimir’, de impor-se uma ordem por um ato voluntário”, é necessário que se tome primeiramente essa “ilusão” no sentido que Freud dá a ela, contrapondo-a ao erro, na medida em que faz intervir, para a crença constitutiva da ilusão, a participação do desejo:

“o que caracteriza a ilusão é o derivar-se dos desejos humanos...é ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação”¹⁰.

Na impossibilidade de habitarmos a Língua Materna, Língua Estrangeira pode vir a representar o Ideal-de-língua, causa de desejo, posto que se trata de desarticular desejo e lei. O que leva o sujeito para a Língua Estrangeira é o impossível de dizer na própria língua. Nas palavras de Melman: “Constituir seu impossível ao designá-lo como Estrangeiro, dá a ele ao mesmo tempo um semblante de razão”¹¹. Essa realidade constitui a lógica do lugar da Língua Estrangeira para o sujeito, lógica que pode passar despercebida nos casos não reconhecidamente patológicos.

Para avançarmos ainda no desdobramento da hipótese dessa relação Língua Materna - Língua Estrangeira, a partir da reflexão que fizemos a respeito da estruturação do sujeito por linguagem, devemos procurar, de acordo com as premissas das quais partimos, muito mais a existência de um elemento organizador, do que diferenciador na relação do Estranho-Familiar, elemento de linguagem que comparece na língua e surpreende o sujeito.

⁹ Jutta Prasse, “O desejo das línguas estrangeiras”, in *A Clínica Lacaniana*, Revista Internacional, v. 1, Rio de Janeiro: Editora Cia. de Freud, 1997, pp. 63-73.

¹⁰ Sigmund Freud, 1927. *O Futuro de uma Ilusão*, ESB., v. 21, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

¹¹ Charles Melman, *Imigrantes*, op. cit., p. 19.

Tentaremos exemplificar, pelo relato de dois casos peculiares, os modos como os efeitos do Estranho na Língua Materna e do Familiar na Língua Estrangeira falam no sujeito.

O FAMILIAR NA LÍNGUA ESTRANGEIRA - O CASO DE ANNA O.

Escolhemos o caso dessa paciente de Freud, por sua pertinência neste trabalho, uma vez que Freud elenca, entre os sintomas de Anna O., o esquecimento da língua materna (o Alemão), trocada, durante longos períodos, pela língua inglesa.

A paciente Anna O. encontrava-se sentada à cabeceira do leito de seu pai enfermo, quando colocou o braço direito sobre o espaldar da cadeira e adormeceu por cansaço, entrando, em seguida, em um estado alucinatório. Viu, como se saísse da parede, uma cobra negra que se aproximava do doente para mordê-lo. Tentou afugentar a cobra, mas não pôde fazê-lo, pois seu braço encontrava-se dormente e insensível. Acrescenta-se a isso o fato de que, durante a alucinação, ao olhar para deus dedos, estes haviam se transformado em pequenas cobras, cujas cabeças (as unhas) eram caveiras. Quando a cobra desapareceu, *“ela tentou rezar, mas não conseguiu encontrar as palavras em nenhum idioma, até que, lembrando-se de um poema infantil (ou oração) em Inglês, pôde pensar e rezar nessa língua”*¹².

Segundo Freud, o estado (afeto) emocional de angústia, determinado pelo impacto da conjunção entre a alucinação e o adormecimento do braço (paralisia), teve como consequência uma inibição da fala, que encontrou uma descarga fortuita nos versos do poema/oração infantil em língua inglesa¹³.

As imagens sonoras acham-se intimamente ligadas às imagens verbais motoras, pois o investimento que constitui as representações passa da imagem sonora para a verbal e, daí, para a descarga. São os signos da descarga, na fala, que equiparam os processos de pensamento aos perceptivos, e emprestam-lhes uma realidade e uma memória.

O processo motor da fala está, desse modo, intrinsecamente ligado ao movimento em geral. Daí entendermos a ligação (motora) que se estabelece entre a inibição da fala da paciente de Freud, e a paralisação de seu braço. No momento traumático da alucinação com a cobra, Anna não conseguiu mover-se e não encontrou as palavras na língua alemã.

Passemos agora à questão da representação e do afeto. Freud havia dito que o afeto de angústia, determinado pelo impacto da alucinação, e somado ao adormecimento do braço, não pôde ligar-se a uma representação adequada (inibição da fala na língua alemã) para sua descarga, encontrando possivelmente uma outra representação (da fala em língua inglesa) com certa carga emocional (oração ou poema). Mas, apesar de encontrar a descarga ‘fortuita’ na língua inglesa, seu braço, após o incidente, permaneceu paralisado.

¹² Sigmund Freud, *Estudos sobre Histeria*, op. cit., pp. 40 e 73.

¹³ *idem*, p. 40.

Segundo o que compreendemos da leitura de *Estudos sobre Histeria*, a paralisia é interpretada por Freud como uma lesão que não depende da anatomia do sistema nervoso, mas se constrói imaginária e simbolicamente. Uma representação particular e intolerável, porque altamente investida de afeto, deixa de integrar o conjunto das representações e ao ligar-se a outra representação, converte-se em sintoma. A transformação posterior da representação intolerável (o temor de ver seu pai doente mordido pela cobra e sua paralisia) em sintoma (falar inglês e a paralisia do braço), está referida à própria ligação motora entre as duas representações (a fala na língua materna e a paralisia). O acréscimo dessa outra representação (falar inglês) é decisivo, porque ela escapa ao saber. É por isso que Freud diz que o trauma se transforma em sintoma, na medida em que existe uma 'relação simbólica' ligando aquilo que ele evoca com uma outra representação, sem que o Eu dela tenha notícias ou possa intervir para impedi-la.

Essa outra representação comporta um excesso de afeto do qual o Eu não pode se libertar, portanto, subtrai do registro do Imaginário um de seus suportes simbólicos, o qual assume esse excesso de afeto que pertence à outra representação, dando ao sintoma seu peso de real.

Segue-se que, após esse acontecimento, a paciente apresentou constantes contraturas e anestésias no mesmo braço e, relata Freud, paralelamente ao desenvolvimento das contraturas, surgiu uma profunda desorganização funcional da fala. A princípio, sentia dificuldade em encontrar as palavras. Depois, perdeu o domínio da gramática e da sintaxe: não mais conjugava verbos e acabou por empregar apenas os infinitivos, formados incorretamente a partir dos particípios passados, além de omitir os artigos definidos e indefinidos. Com o passar do tempo, ficou quase desprovida de palavras. Juntava-as penosamente a partir de quatro ou cinco idiomas e tornou-se quase ininteligível¹⁴.

Esse distúrbio denuncia os diferentes níveis funcionais da estruturação das funções da linguagem. É dos casos patológicos de lesão orgânica na área da linguagem, e conseqüentes distúrbios na língua materna, que Freud extrai sua hipótese sobre a estruturação das funções da linguagem. No caso de lesão, diz Freud, aquilo que foi inscrito mais recentemente, e permanece mais eficiente, é o que se perde primeiro. Nesses casos, a língua materna é a última a sofrer os danos de uma lesão.

No caso da paciente de Freud, não houve lesão. No entanto, não passou para o Inglês antes de apresentar uma espécie de 'afasia' na língua materna. Essa disfunção da fala na língua materna aconteceu ao mesmo tempo em que começou a apresentar contraturas, anestésias e paresias no braço. A parafasia se deu gradativamente: foi perdendo aquilo que Freud chama de 'funções da linguagem', repetindo uma situação que se apresenta normalmente durante a inscrição dessas funções, até, finalmente, emudecer por completo.

A representação intolerável foi esquecida (assim como foram se perdendo as funções da fala na língua materna), desaparecendo também a representação das duas imagens motoras, a da fala na própria língua e a do movimento. Acrescenta-se a representação da língua estrangeira, que veio em seu socorro, no momento de aflição.

¹⁴ Sigmund Freud, *Estudos sobre Histeria*, op. cit., p. 60.

No relato de Freud, o fenômeno das contraturas associou-se de tal maneira à questão da fala que, posteriormente, quando a paralisia regrediu, a paciente passou ao sintoma: “passou a falar apenas inglês - só que, aparentemente, sem saber o que estava fazendo (pois discutia com a enfermeira, que não conseguia entendê-la)”. Meses depois, Freud consegue convencê-la de que ela estava falando Inglês¹⁵.

Podemos nos perguntar, agora, a respeito da ‘familiaridade’ com que é tratada a língua estrangeira neste caso. Parece-nos que esta, pela maneira como o caso é apresentado, vem no lugar do estranhamento na língua materna; devido à condição de alteridade da própria língua materna, representação absolutamente estranha, a língua estrangeira se apresenta como o mais familiar.

Gostaríamos de destacar que privilegiamos esse caso, porque, se estamos considerando, com Freud, o sujeito, constituído por linguagem, esse caso vem, justamente, interrogar os estatutos de ‘familiar’ - atribuído à Língua Materna - e de ‘estranho’ - atribuído à Língua Estrangeira. A concepção de sujeito que adotamos, nos permite tomar, na representação do Estranho, o elemento organizador, e não diferenciador, nessa relação ‘entre’ línguas. É através dessa representação que se dá a ‘passagem’ entre línguas. A inclusão do sujeito, nessa perspectiva, permite que o Estranho não as diferencie, mas que as coloque, como diz Freud, ‘nas mesmas áreas’, que as tome primeiramente enquanto elementos de linguagem, de maneira que se possa entender a Língua Estrangeira como uma leitura, que faz o sujeito, a partir da Língua Materna.

O ESTRANHO NA LÍNGUA MATERNA - O CASO DE WOLFSON¹⁶

Da leitura que Fontaine faz da obra de Wolfson, interessa para o nosso trabalho destacar e extrair conseqüências das ações que Wolfson empreende a partir de sua relação com a língua materna, o Inglês. Autor de ‘Le schizo et les langues’ (1970), Wolfson escreve em francês em sua luta com a perseguição da língua materna, contra a qual ele se empenha em um trabalho de desarticulação.

Esse livro é a maneira pela qual o autor recebe e reage às sonoridades de sua língua materna (e particularmente à voz de sua mãe), pois os sons da língua materna fazem surgir em sua cabeça um eco intolerável, vizinho da dor, que ele trata de suspender. Para isso, não pode fazer nada menos do que destruir, sistematicamente, todas as palavras da língua inglesa, isto é, desarticular todos os vocábulos dessa língua, fonema por fonema.

Mas não é somente a voz materna, enquanto tal, que faz com que ele falhe em se desvencilhar desse lugar. Wolfson percebe uma intenção subjacente, um tom de triunfo e de má vontade nessa voz. Se Wolfson se esforça por distorcer os sons do inglês, é para mudar essa tonalidade.

Parece não ser, portanto, o sentido das palavras, mas os sons das palavras que o enredam nesse mal estar, algo que, anterior a elas, as acompanha, um afeto que se impõe em bloco através da tonalidade da voz da mãe. A voz materna, o uso que a mãe

¹⁵ idem, p. 61.

faz da língua inglesa e esta, por extensão, enquanto utilizada por toda uma comunidade da qual sua mãe é parte, todas essas vozes reverberam no seu cérebro, e fazem com que Wolfson, para neutralizar esse 'desejo de lesá-lo' e para agir sobre os efeitos dessa voz, faça suas operações sobre a língua.

Procura, nos vocábulos escritos ou falados dessa língua, ou de outras línguas, o apoio necessário para o uso que sua mãe faz do inglês. Esse apoio ele encontra pela via da escrita, no esqueleto consonantal da língua (ele diz que as vogais não lhe importam, e as consoantes são mais estáveis, permitindo o despedaçamento mais eficiente de um vocábulo), o que o autoriza a identificar as correspondências consonânticas, com o que ele chama de 'congêneres' nas outras línguas. Seu objetivo em fazer 'desaparecer' um vocábulo é alcançado, então, quando uma relação termo a termo for estabelecida com um outro, entre as cinco línguas de que o autor dispõe. Queremos destacar aqui que Wolfson procura resolver com o escrito esse mal estar com relação à tonalidade da voz, como se o escrito o remetesse a uma espécie de origem, ao momento mesmo da inscrição das marcas da linguagem no corpo.

Sua estratégia consiste em procurar, em outras línguas, equivalências consonânticas, o que faz, opondo ao caractere purificado da alucinação na própria língua, as conversões homofônicas tornadas instantâneas. Isso tem como efeito, fazer cessar a reverberação dolorosa, mas deixa intacta a instância persecutória da voz. Já havíamos visto, anteriormente, que a voz apenas presentifica o mal estar para Wolfson. Ele procura encontrar, no mais real/puro da escrita, um ponto de conversão homofônica com outras línguas, para fazer escoar por aí o afeto desagradável que o tolhe.

Com esses jogos lingüísticos, baseados nas semelhanças de sentido e de som entre as palavras inglesas e as palavras estrangeiras, a língua inglesa, 'destruída' pouco a pouco, se torna 'cada vez mais suportável'. Para se tornar suportável, sua língua materna deve se abrir às línguas estrangeiras, para, com isso, perder o impacto da onipotência em que se transformou pela tonalidade da voz da mãe. Seu desejo, ao procurar correspondências entre os sons das línguas, é alargar suas fronteiras e escapar à perseguição. Wolfson toma a sonoridade da língua materna (em um momento anterior ao sentido) como o veículo do afeto (não dito) dirigido a ele. O som do afeto não dito causa seu trabalho de desconstrução dessa língua. Wolfson procura, ainda, na marca mais real dessa inscrição, a maneira de reescrever esse afeto não dito pela mãe. Ao desmontar a língua inglesa fonema por fonema, para reescrevê-la em outras línguas, nos revela os mecanismos pelos quais os sons dos afetos de sua língua materna se impuseram a ele de maneira literal.

A palavra, para Wolfson, fascina pelo oposto do sentido, por aquilo que ela traz de sinal, de marca, de letra. Para o inconsciente, a letra não precisa ser lida com relação ao que a precede ou segue, pois não se distingue por sua pronúncia (sua articulação fônica e sua ligação com o som). A letra se inscreve como limite (no lugar daquilo) que não se lê. Assim, o que importa para o inconsciente é o literal ('a coisa das palavras'), e não o sentido. O literal tem, entretanto, estrutura de linguagem. Sua operação de destruição dos sons da língua materna com a escrita, revela uma fixação, em um dos tempos de estruturação, das funções da linguagem, que, segundo Freud no texto sobre as afasias, compreende, em primeiro lugar, o sensorial-acústico, depois o motor, mais adiante o visual e, por fim, o gráfico.

Este caso traz o Estranho da Língua Materna, como elemento organizador na relação entre as línguas, e, assim, coloca em questão, o limite entre as línguas, mas, desta vez, a partir de uma outra visada, a das correspondências fundadas nas sonoridades das línguas. A língua materna se apresenta, neste caso, como uma maneira singular de Wolfson se relacionar com a linguagem. Essa língua, Wolfson a escuta pelo corpo (a dor nos ouvidos), convocado pela sonoridade literal, como se ela estivesse à espera de uma leitura. O que Wolfson ouve dessa língua é um modo particular de inscrição da linguagem no corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois casos nos fazem constatar que toda relação com uma Língua Estrangeira passa, necessariamente, pela relação Estranho-Familiar na Língua Materna. Para Anna O., o Inglês vai recobrando o Alemão, para re-calcas esse estranho que irrompe na língua alemã. O Estranho, nesse caso, movimenta, causa o desejo (causa o Familiar), porque o Estranho-Familiar encontra-se ainda no campo do sentido, no campo representacional. Anna O. não deseja o impossível, deseja, porque é impossível.

No caso de Wolfson, as outras línguas entram para de-fendê-lo da língua inglesa. Esta, só lhe aparece como Estranho, uma vez que não ‘importa’, para Wolfson, o campo do sentido. Assim, as outras línguas entram para movimentar o Estranho da Língua Materna que invade, como uma Língua Estrangeira. O Estranho não se apresenta aqui como aquele que põe em movimento, portanto, não pode causar o Familiar. O que restou a Wolfson de Familiar é de outra ordem, não se encontra no campo representacional, apresenta-se como dor, no corpo. Se o Estranho não pode causar o desejo, Wolfson busca o impossível: com o literal da linguagem (nas letras das línguas estrangeiras) defender-se da perseguição e dissolver a tonalidade dessa língua, cuja ressonância o capturou no corpo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FONTAINE, A. (1987). “Pour une lecture de Louis Wolfson”, in Littoral, n° 23-24.
- FREUD, S. (1891), A Interpretação das Afasia, trad. António Pinto Ribeiro, introdução de Armando Verdiglione, Lisboa: Edições 70, 1977.
- _____. (1893-5). Estudos sobre Histeria, ESB, v. 2, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1929). O Futuro de uma Ilusão, ESB, v. 21, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- MASSON, J.M. A Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887 - 1904, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MELMAN, CH. (1992). Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país, Contardo Calligaris (org.), trad. Rosane Pereira, São Paulo: Editora Escuta.
- PRASSE, J. (1997). “O desejo das línguas estrangeiras”, in A Clínica Lacaniana, Revista Internacional, n° 1, Rio de Janeiro: Cia. de Freud Editora.